CAESARIUS VON HEISTERBACH

HISTÓRIAS DE FANTASMAS E DEMÔNIOS

FREE BOOKS

CAESARIUS VON HEISTERBACH

HISTÓRIAS DE FANTASMAS
E
DEMÔNIOS

Tradução de Paulo Soriano

Free Books

2023

CRÉDITOS

Título: Histórias de Fantasmas e Demônios.
Autor: Caesarius von Heisterbach (c. 1180 – c. 1240).
Tradutor: Paulo Soriano a partir da tradução para o inglês de H. Von E. Scott e C. C. Sweent Bland, de 1929.
Ilustração da capa e miolo: Autor anônimo do séc. XVI (imagem de Von Heisterbach).
Editora: Free Books Editora Virtual.
Ano de Publicação: 2023.
Local de publicação: Salvador/BA.
© **da tradução:** Paulo Soriano, 2023

SUMÁRIO

CRÉDITOS 3
O CAVALEIRO INFERNAL 5
A APARIÇÃO DIABÓLICA 8
A MORTE DA USURÁRIA 10
A MORTE DO PADRE CORRUPTOR 12
A MULHER DE BRANCO DE STOMHEIM 13
A PENITÊNCIA 15
A POÇÃO DE ENXOFRE 17
A USURÁRIA E OS CORVOS 19
A VISITA DO SÚCUBO 21
COBRAS E SAPOS 23
O AVISO ESPECTRAL 25
O DEMÔNIO SEDUTOR 26
TERRA SOBRE AS COSTAS 28
O FANTASMA INCESTUOSO 30
OS CLÉRIGOS SOBERBOS 32

O CAVALEIRO INFERNAL

Um homem piedoso contou-me que a amante de um padre, estando ela à beira da morte, exigiu imperiosamente que lhe fizessem um par de sapatos novos e da melhor qualidade.

Ao expirar, disse:

— Enterrem-me com eles. Isto é da maior importância para mim.

Assim foi feito e, na noite seguinte, à luz da Lua cheia, bem antes do amanhecer, um cavaleiro e o seu escudeiro cavalgavam pela estrada quando ouviram um grito de mulher.

Enquanto se perguntavam o que poderia ser aquilo, uma figura de mulher correu em direção a eles, gritando por socorro.

O cavaleiro desmontou imediatamente e, brandindo a espada em círculo em seu redor, tomou a mulher sob a sua proteção.

A mulher, que ele reconheceu, estava vestida apenas com uma camisola e sapatos novos.

De repente, ao longe, ouviu-se o som de uma trompa e o ladrar de uma matilha de cães de caça. Ao ouvir isto, a mulher muito estremeceu e o cavaleiro, tendo visto o que se passava, entregou a rédea do cavalo ao seu criado, enrolou três mechas do cabelo dela em volta do braço esquerdo e segurou a espada com a mão direita. Quando o caçador infernal se aproximou, a mulher gritou para o cavaleiro:

— Deixa-me ir, deixa-me ir! Olha: ele está vindo!

E, embora o cavaleiro tentasse bravamente segurá-la, a pobre criatura resistiu-lhe, golpeando-o com os punhos, e acabou por escapar, arrancando os cabelos.

Então o Diabo perseguiu-a, alcançou-a e atirou-a sobre o seu cavalo, com a cabeça e os braços pendurados de um lado e as pernas do outro.

O cavaleiro infernal, enquanto carregava a sua presa para as trevas, passou pelo outro cavaleiro. De manhã, este último regressou ao seu feudo, contou à família tudo o que tinha

visto e mostrou o punhado de cabelo de mulher que ainda lhe restava na mão.

Como não acreditaram na sua história, abriram a sepultura e descobriram que a mulher havia mesmo perdido aquela madeixa. Isto aconteceu no arcebispado de Mainz.

A APARIÇÃO DIABÓLICA

Não faz muito tempo, morreu um funcionário muito rico da corte dos duques da Baviera.

Certa noite, o castelo onde sua mulher dormia foi abalado, como se resultado de um tremendo terremoto.

De repente, a porta do quarto, em que ela estava deitada, abriu-se e nele entrou o marido, conduzido por um a gigantesca figura sombria, que o empurrava pelos ombros.

Vendo-o e reconhecendo-o, chamou-o para junto de si e sentou-o ao lado da cama. Não teve medo algum e, como estava frio, pôs-lhe uma parte da colcha em torno dos ombros.

Quando perguntou pelo seu estado, ele, com tristeza, respondeu:

— Eu fui entregue ao castigo eterno.

Diante desta resposta, ficou a mulher extremamente perturbada. Então, disse-lhe:

— Mas tu não davas sempre esmolas e não mantinhas constantemente aberta a tua porta aos peregrinos?

—Tais atos foram praticados por vaidade e orgulho — respondeu —, mas não por caridade, e, por isto não me podem outorgar a vida eterna.

Quando ela lhe perguntou sobre outros assuntos, ele respondeu:

—Foi-me permitido aparecer-te, mas não permanecer aqui. Lá fora, espera-me o meu atormentador diabólico. Ainda que todas as folhas de todas as árvores se transformassem em línguas, elas não poderiam contar-te o suficiente sobre o meu tormento.

Depois disto, foi chamado de volta e expulso dali. E, tal como antes, quando partiu, todo o castelo abalou-se.

Durante muito tempo, depois disso, ouviram-se os seus gritos de dor.

Esta visão tornou-se muito conhecida na Baviera, como nos conta o monge Gerard.

A MORTE DA USURÁRIA

No feudo de Frechen, que fica a uma milha de Colônia, vivia uma mulher chamada Jutta, de caráter bastante estável, mas que era usurária.

Sendo muitas vezes repreendida por este vício pelo nosso subprior Gerlac, que nessa altura presidia a igreja feudal, a mulher prometeu emendar-se, mas não cumpriu a sua promessa.

Por fim, morreu em pecado e, como o seu corpo inchou, para evitar que aqueles despojos se tornassem ofensivos à saúde, decidiu-se que a mulher seria sepultada sob a terra.

Mas eis que um demônio lhe movia os braços e as mãos, como se ela estivesse contando dinheiro.

Mandaram chamar Gerlac para exorcizá-la e impedir que o demônio lhe atormentasse o corpo. Feito isso, o cadáver aquietou-se. Mas, quando o subprior interrompeu a adju-

ração, o demônio recomeçou a mexer, alternadamente, as mãos e os pés da defunta.

Depois, erguendo a mortalha, o frade molhou-a em água benta e meteu-lhe um pouco do santo líquido na boca, que ela começou a engolir avidamente.

Ao fim do dia, Gerlac pegou a sua estola e atou-a ao pescoço da defunta, enquanto ministrava o exorcismo, e, assim, expulsou os demônios daquele corpo.

Na altura, estava presente um conterrâneo, que disse ao padre:

—Sabei, senhor, que, esta noite, o demônio vai fazer coisas espantosas neste corpo!

A MORTE DO PADRE CORRUPTOR

No baixo Utrecht, há alguns anos, segundo me contou um colega cônego, morreu um clérigo que houvera corrompido uma freira velada.

Para que Cristo pudesse mostrar quão grave é o crime de violar uma esposa Sua, colocou um sinal em seus órgãos genitais e tal marca aterrorizou todos os que a viram ou que dela foram informados.

Não estou disposto a descrevê-la, poupando a modéstia das mulheres que eventualmente possam ler o meu relato.

A MULHER DE BRANCO DE STOMHEIM

Na mansão de Stamheim, sita na diocese de Colônia, havia dois cavaleiros: Gunther e Hugo.

Certa noite, estando Gunther fora de casa, uma criada levou os seus filhos — a quem já estava prestes a pôr na cama — ao pátio, a fim de que satisfizessem as necessidades da natureza.

Estando a criada com as crianças, viu uma mulher de vestido branco e rosto pálido que, do lado de fora da cerca, olhava diretamente para eles.

Esse alarmante espectro nada disse, mas a sua aparência inspirou o medo na empregada.

Em seguida, a criatura foi até o terreno de Hugo, que ficava ao lado, olhou igualmente por cima e, depois, retornou ao cemitério, de onde tinha vindo.

Alguns dias depois, o filho mais velho de Gunther adoeceu.

— Em sete dias eu estarei morto — disse ele — e, sete dias depois, minha irmã morrerá; uma semana depois, minha irmã mais nova também fenecerá.

E foi isto o que aconteceu.

Além disso, após a morte das crianças, a mãe e a empregada faleceram. Coetaneamente, Hugo, o cavaleiro, e seu filho também morreram.

Esses fatos foram testemunhados por nosso prior Gerlac.

A PENITÊNCIA

Há cerca de três anos, na época do Advento, uma menina de nove anos morreu em Mount St. Saviour, numa casa pertencente à nossa ordem.

Pouco tempo depois, estavam reunidas as monjas no coro, quando, em plena luz do dia, a garota morta entrou. Curvando-se diante do altar, dirigiu-se ao lugar onde, quando viva, costumava ficar.

Outra garota, quase da mesma idade, ao ver a defunta ocupar o costumeiro lugar, ao lado dela, foi tomada por tão grande pavor que atraiu a atenção da abadessa (que me contou esta história).

Quando a abadessa lhe perguntou a razão de tão grande susto, a menina respondeu:

—Acabo de ver a Irmã Gertrudes entrar no coro. Nas vésperas[1], quando se falava de Nossa Senhora, ela prostrava-se.

---

[1] Horas canônicas em que se rezam os ofícios da tarde.

A abadessa, que receava o engodo do diabo, disse à menina:

— Se a Irmã Gertrudes voltar, diz-lhe "Benedicite" e se ela responder "Dominus", indaga-lhe de onde vem e o que procura.

No dia seguinte, a garota morta voltou e, ao ser saudada, e responder "Dominus", a outra lhe perguntou por que tinha vindo.

— Vim aqui para me redimir — respondeu —, porque costumava sussurrar contigo no coro. Foi-me ordenado que procurasse a expiação no mesmo lugar onde assim costumava pecar. Se não tiveres cuidado, tu padecerás do mesmo castigo quando morreres.

Depois de ter feito tal expiação em quatro diferentes ocasiões, disse ela:

— Agora a minha penitência está completa. Doravante, não mais me verás.

E aconteceu que, enquanto a sua companheira viva a observava, a garota morta seguiu ao cemitério e lhe atravessou os muros, movida por um poder sobrenatural.

Assim foi o Purgatório daquela menina

A POÇÃO DE ENXOFRE

Um cavaleiro chamado Rudinger, da diocese de Colônia, era tão apaixonado pelo vinho que costumava ir às consagrações, nos solares da diocese, somente para beber uma boa safra.

Quando adoeceu, e esteva à beira da morte, a sua filha pediu-lhe que voltasse para vê-la em trinta dias.

— Se puder, fá-lo-ei —respondeu.

Depois da sua morte, apareceu de fato à sua filha e disse:

—Voltei, como tu me pediste.

Na mão, o espectro trazia uma pequena caneca de barro, como as que usava para beber nas tabernas.

— Pai, o que é que essa caneca contém? — perguntou-lhe a filha.

— Contém a minha bebida — respondeu-lhe —, que é feita de puro enxofre. Estou sempre bebericando na caneca, mas nunca consigo esvaziá-la completamente.

Então, quando ele desapareceu, a moça compreendeu —tanto pela sua vida anterior quanto pelo seu castigo — que havia pouca esperança de que o pai fosse salvo. Porque, nesta vida, o vinho é doce para beber, mas acaba por conduzir e infundir o veneno de uma víbora.

A USURÁRIA E OS CORVOS

Vivia no feudo mais próximo a Bacheim uma mulher notoriamente usurária. Quando estava para morrer, viu todos os campos cobertos de corvos. E gritou em voz alta:

—Vede, os corvos se aproximam de mim!

E acrescentou:

— Oh! Oh! Agora os corvos estão no telhado, agora estão na casa, agora estão rasgando o meu peito, agora estão arrastando a minha alma!

E, assim, com um grito, expirou a sua alma, para ser conduzida pelos demônios ao inferno.

Na mesma noite, à vista de muitos que estavam presentes, os corvos apanharam o corpo do caixão e, atirando-o contra uma viga, deixaram-no cair perto da porta. Depois, reduziram-no a pedaços. A luz apagou-se, as pessoas fugiram e, de manhã, encontraram o

cadáver no local mencionado. Deram-lhe o enterro de uma cavalgadura bruta.

A VISITA DO SÚCUBO

Certa feita, quando os leigos da nossa Ordem descansavam no dormitório, durante o verão, ao meio-dia, o demônio, sob a forma de uma monja beneditina, andou em volta camas de todos os irmão, parando um pouco junto a alguns e passando apressadamente por outros.

Quando se aproximou de um certo irmão leigo, inclinou-se sobre ele e, pondo-lhe os braços em torno do pescoço, beijou-lhe a boca.

Um dos irmãos, um homem verdadeiramente piedoso, viu o que ocorrera e como a freira desapareceu.

Estupefato, tanto com a aparição de tal pessoa como pelo lugar em que tal fato ocorreu, levantou-se e correu à cama do irmão leigo, que encontrou realmente dormindo, mas deitado de uma forma mui exposta e indecente.

Quando soou a campainha e os outros se levantaram, este irmão leigo sentia-se demasi-

adamente enfermo para se levantar. Levado à noite para a enfermaria, morreu em três dias.

Creio que foi o mestre de uma granja daquele mosteiro quem nos contou esta história, dizendo que lhe havia sido passada, sob sigilo de confissão, pelo irmão que tivera a visão.

COBRAS E SAPOS

Ao morrer, um certo cavaleiro deixou todos os bens que usurariamente acumulara ao seu filho.

Certa noite, bateu corajosamente à porta do filho e, quando um criado veio perguntar-lhe por que batia, ele respondeu:

—Deixem-me entrar, sou o senhor desta terra!

Depois, disse quem era.

O criado espreitou para fora e, embora o reconhecesse, recusou-se a deixá-lo entrar, dizendo:

— O meu amo morreu!

O defunto continuou a bater, mas a porta permaneceu fechada. Por fim, disse o espectro:

— Leva estes peixes, que são a minha comida, ao meu filho. Olha, estou a pendurá-los na maçaneta da porta!

Quando a família saiu na manhã seguinte, encontrou uma quantidade de sapos e cobras amarrados numa trouxa.

Este é o alimento oferecido no Inferno, cozinhado em enxofre flamejante.

O AVISO ESPECTRAL

O fato aconteceu no pátio da igreja de Bonn.

Certa noite, depois de soarem as vésperas, alguns estudantes brincavam sob o crepúsculo dos claustros.

Foi quando viram uma forma humana sair de uma das sepulturas, situada no local onde costumavam sepultar os cônegos.

Depois de caminhar pelo pátio da igreja e atravessar algumas das sepulturas, o espectro entrou em outro túmulo.

Pouco tempo depois, um cônego morreu naquela igreja e foi sepultado no mesmo túmulo em que a criatura havia entrado.

Tal visão foi testemunhada por um de nossos monges, Christian de Bonn. Mediante visões de tal natureza, às vezes pode-se prever o futuro.

O DEMÔNIO SEDUTOR

Na paróquia de São Remígio, em Bonn, vivia, há alguns anos, um padre chamado Arnald.

Tinha ele uma filha muito bela, da qual cuidava com muita diligência e, por causa de sua beleza, estava sempre atento aos jovens, especialmente aos que eram cônegos em Bonn. Assim, sempre que saía de casa, trancava-a no quarto de cima.

Um dia, o demônio, assumindo a forma de homem, veio assediá-la e começou a submetê-la à sua vontade, quer interiormente, mediante sugestões secretas, quer exteriormente, por meio de palavras lisonjeiras.

Para que mais? A pobre criatura foi persuadida e corrompida e, depois, para a sua própria destruição, entregou-se ao demônio.

Um dia, quando o padre subiu ao quarto, encontrou a sua filha chorando e se lamentando, e finalmente, com grande dificuldade, extraiu dela a causa de sua dor.

Ela confessou ao pai que tinha sido iludida e violada por um demônio, e que tinha boas razões para se lamentar.

O quanto ela se afastou da natural sanidade — o quanto se alienou da decência comum — ficou evidente na deplorável prova que ela deu da depravação de sua concupiscência.

O pai, aflito, enviou-a para o outro lado do Reno, na esperança de que ela pudesse beneficiar-se com a mudança, confiante de que o rio a livraria do íncubo demoníaco.

Assim que a moça partiu, o demônio apareceu ao padre e gritou-lhe:

—Padre vil, por que é que me roubaste a minha esposa? Para teu próprio mal, fizeste-o!

Deu-lhe, então, um golpe tão violento no peito, que o padre vomitou sangue e, em três dias, estava morto.

TERRA SOBRE AS COSTAS

Erkinbert, o pai de nosso monge Johann, era um cidadão de Andernach.

Certa manhã, havendo saído cedo, deparou-se com uma figura montada em um corcel negro como o carvão, e que exalava fogo e fumaça pelas narinas.

A princípio, a figura percorria a estrada principal; todavia, depois de algum tempo, saiu da estrada e, tomando outra direção, galopou pelos campos.

De início, Erkinbert ficou deveras amedrontado, pois não fazia ideia da natureza daquela criatura e, ademais, não poderia escapar de deparar-se com ela.

Contudo, ele reuniu as suas forças e, fazendo o sinal da cruz contra o demônio, pegou a sua espada com a mão direita.

Ao se aproximar, viu que se tratava de um famoso cavaleiro chamado Frederic, da mansão de Kelle, que morrera recentemente. Este parecia vestir-se com peles de ovelha e

carregava um grande punhado de terra lamacenta nas costas.

Erkinbert perguntou:

—És tu o nobre Frederic? De onde vens e o que significa a tua presença?

—Estou sofrendo muito — respondeu o espectro. — Estas peles de ovelha foram por mim furtadas a uma viúva, e agora estão em brasa sobre mim. Também fiz uma exigência injusta por uma porção de terra e, agora, o seu peso me esmaga. Se os meus filhos devolvessem essas propriedades, diminuiriam meu sofrimento.

Tendo assim falado, o espectro desapareceu.

Quando, todavia, no dia seguinte, Erkinbert contou aos filhos de Frederic o que este havia dito, preferiram que o pai permanecesse eternamente em tormento a abrir mão do que lhes havia sido por herança deixado

O FANTASMA INCESTUOSO

Na diocese de Treves, onde ocorreu a visão anterior, havia outro cavaleiro chamado Heinrich Nodus. Este, afundado na maldade e no pecado, considerava a violação, o adultério, o incesto, o perjúrio — e outros crimes semelhantes — como atos de virtude.

Quando Nodus morreu, na província de Menevelt, apareceu a muitos numa pele de ovelha e continuou a frequentar a casa da sua filha, como costumava fazer em vida. Quer o admoestassem com o sinal da cruz, quer o ameaçassem com uma espada desembainhada, ele não se afastava.

Com efeito, o seu espectro foi muitas vezes golpeado com uma espada, mas não podia ser ferido; emitia, apenas, o som que faz uma cama macia quando se bate nela.

Os seus amigos, então, consultaram Johann, bispo de Treves, que os aconselhou a derramarem água sobre um prego, que se constituía numa relíquia da crucificação.

Ademais, instruiu-os a usarem um crucifixo, para o fim de borrifarem com ele a casa, a filha e o próprio homem.

Assim foi feito e o fantasma nunca mais apareceu.

Apesar de ser legalmente casado, Nodus era o pai da filha da sua serva e, desgraçado como era, tinha abusado da filha, quando esta crescera.

Não faz muito tempo que estas coisas aconteceram.

OS CLÉRIGOS SOBERBOS

Certa feita, quando, numa igreja, alguns clérigos cantavam ruidosamente — ou seja, em voz alta, mas sem devoção —, e elevavam as vozes tumultuosamente, um certo religioso, que lá estava presente, viu um demônio. Estava ele num lugar proeminente, segurando um saco grande na mão esquerda, e, com a mão direita, muito estendida, apanhando as vozes dos cantores, que cuidava de enfiar num saco.

Terminado o ofício, os clérigos felicitavam uns aos outros, semelhantemente àqueles que bem tinham louvado a Deus de todo coração.

O padre que contemplara a visão disse-lhes:

— Vós de fato cantastes bem, mas cantastes para um saco cheio.

Quando eles se admiraram e lhe perguntaram por que razão dizia isto, ele contou-lhes a visão que tivera.

Isto foi-me dito por um homem de grande autoridade, um abade da Ordem dos Cistercienses. Esses exemplos não refletem a sinceridade da devoção ao louvar a Deus em salmos e hinos, mas apenas a vanglória.

Free Books

http://www.freebookseditora.com/

Na composição deste livro, empregaram-se as fontes Palatino Lynotype, Brush Script MT, Cloister Black, 001 Medieval Daze e AgsanalUPC.